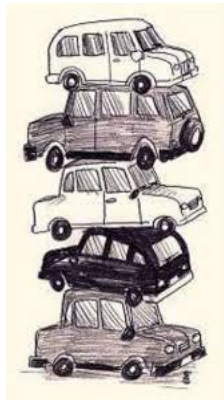


Crônicas do Inferno Permanente

A peleja entre o carrodependente e o desmotorizado



Relatei muitas vezes a vocês, personas, mas cabe mencionar de novo: eu não dirijo. Pra quem me conhece, isso não é nenhuma novidade. Eu simplesmente não dirijo. Detesto carros.

Quase a totalidade massacrante – muitas vezes, no passado, também extenuante – da minha circulação pela cidade é feita em ônibus, metrô, trens ou a pé mesmo. Só pego táxis quando é estritamente necessário e caronas de amigos são cada vez mais raras. Sou mesmo cem por cento pedestre, um verdadeiro caminhante urbano espremido pelas multidões nas calçadas e em eterno risco pela competição com os carros por espaços no asfalto quando atravesso ruas e avenidas tentando sempre respeitar o farol.



Não dirijo por uma irrevogável convicção pessoal, nunca por outros motivos obscuros como muitos fantasiam e me abordam pra discutir a questão. Essa minha decisão de não guiar é feita com consciência, o mesmo pragmatismo que não me deixa esquecer que tenho muitas vantagens, mas alguns desconfortos por não usar carro particular.

Só que certas personas não aceitam isso. Sempre que alguém descobre que eu não dirijo, sou entupido por questionamentos, alguns de uma obscuridade quase medieval. Alguns exemplos:

“Por que você não dirige? Tem medo?”

“Já pensou em ir a essas autoescolas pra perder o medo de dirigir?”

E a minha resposta-padrão:

“Não dirijo porque não quero, oras.”

Não adianta. Eles tornam à carga:

“Você fala isso pra botar banca. Você é despeitado”.



Eis aí, sim, a grande parte chata de não dirigir: aguentar essas abordagens. É tão difícil alguém na cidade não ter carro por vontade própria que as pessoas me interpelam tentando me convencer de que estou errado. Certa vez, aprontei com uma amiga. Foi assim:

“Amiga, comprei um carro.”

“Parabéns! Até que enfim.”

“Claro, um carro modesto, um que coube no meu bolso.”

“Ah, lógico. O que importa é ter nosso próprio carro, né? Qual foi o carro que você comprou?”

“Esse aqui...”, retiro do bolso um fusquinha de brinquedo que comprei de um marreteiro. A menina, desencantada:

“Arf, você é fogo, hein?”

“Ué, eu disse que cabia no meu bolso, não disse?”

Mas nem sempre terminam bem (pra mim) essas ocasiões em que tenho de responder aos motorizados. Vamos ver a mais estranha delas, quase uma peleja entre o um carrodependente e eu, um desmotorizado.



Certa vez, saí de casa no começo da noite e fui nadar na academia que frequentava na época. Eu precisava pegar ônibus pra ir até lá, demorava uns 25 minutos no caminho, descia no ponto final, que ficava no terminal urbano de uma estação de metrô, e prosseguia a pé por mais ou menos um quilômetro.

Pois bem, fiz minha aula de natação e, depois que acabou, tomei uma ducha no vestiário. Encontrei por lá um

colega que eu não via há algum tempo. O nome dele era Marcel. Cumprimentei o cara e puxei conversa:

“Oi, Marcel, nem te vi lá na piscina”.

“Cheguei atrasado e entrei em outra raia”.

“Faz tempo que você não vem. Aconteceu alguma coisa? Trabalho? Viagem?”

“Não, nada disso. É que um dos meus carros está na oficina pra consertar; o outro, por causa do rodízio, não circula justamente num dos dias da nataçãO. Só tenho conseguido vir quando arrumo carona e volto a pé pra casa.”

Marcel é um cara legal. Engenheiro bem sucedido, autossuficiente, independente, jovem, profissional altamente especializado, ambicioso... Só não entendi essa resposta dele a respeito de não vir às aulas. Ele mora perto da academia, poderia vir a pé. Acho estranho alguém sair pra se exercitar numa academia e vir de carro, uma vez que mora perto. É esquisito não aproveitar a oportunidade de andar pra já ir se aquecendo pros exercícios.



“Você tá a pé?”, ele me pergunta.

“Sim, estou”, respondo estranhando a abordagem; talvez, ele não se lembrasse de que eu não dirijo.

“Ahhh, ia te pedir uma carona.”

“Bem, estou indo pro metrô, vamos?”

“Ué, mas você disse que tá a pé.”

“Sim, estou a pé. Tô te chamando pra ir caminhando mesmo.”

“O que aconteceu com seu carro?”

Bom, já havíamos entrado no campo minado a que esse tipo de conversa sempre me leva. Uma vez nas trincheiras, tentaria remendar. Não sabia, ali começaria uma verdadeira peleja:

“Não tenho carro.”

“Por quê? Te roubaram?”

“Errr, não. Não tenho carro.”

“Como não tem carro?”

“Não tenho, não gosto de dirigir.”

“Como você se vira sem carro?”

“De ônibus, metrô, oras.”

“Sério? Porra, mas não dá pra guardar uma grana e comprar um carro?”

Marcel é realmente um cara bacana. Engenheiro bem sucedido, autossuficiente, independente, jovem, profissional altamente especializado, ambicioso, dois carros... preguiçoso... curioso dos meus costumes.

“Sim, até tenho dinheiro pra isso, mas não quero.”

“Não, só pode ser brincadeira... não quer ter carro? E esse transporte de merda, como você faz?”

“Então, vamos lá”, retorno com paciência adicional. “Sempre subo a pé pro metrô e pego ônibus no terminal. Quer ir comigo?”

Marcel topa, e vamos andando até meu destino final. Ele volta a insistir sobre o fato de eu não ter carro. A peleja continua:

“Cara, não acredito que você não tem carro por vontade própria. Como faz pra sair no final de semana, dar um rolê e tal?”

“Vou de ônibus e metrô”, respondo rispidamente.

“Mas tem de voltar antes de eles pararem de circular.”

“Sim, eu sei e já me adaptei a isso. Quando vou pra alguma balada, viro a noite e volto somente no dia seguinte. Se não der, pego um táxi.”

“Caramba, que mão-de-obra.”

Eu, educadamente, esquivava-me de cada pergunta que ele fazia. Acho que Marcel ficara obcecado pela ideia de me convencer a ter um carro. Digo isso porque ele proferiu a impactante sentença:

“Você seria mais feliz se tivesse um carro.”

“Como assim?”, reajo de forma atônita.

Marcel, o engenheiro bem sucedido, autossuficiente, independente, jovem, profissional altamente especializado, ambicioso, dois carros... preguiçoso... curioso dos meus costumes... o profundo conhecedor da alma humana. Perscrutava ali a minha psique. A peleja continuava naquele mais longo caminho até o terminal urbano:

“Você namora?”, ele faz a mais inesperada das perguntas.

“Sim”, respondo com assombro.

“Então, claro, sua namorada tem carro, não tem?”

“Não, não tem”, continuo reagindo às perguntas, agora, podendo prever onde tudo vai parar.

“Como não? Nenhum de vocês tem carro?”

“Não”, propositadamente, passo a assumir um discurso monossilábico.

“Porra, mulher gosta de carro, cara. Como pode você não ter?”

Marcel, engenheiro bem sucedido, autossuficiente, independente, jovem, profissional altamente especializado, ambicioso, dois carros... preguiçoso... curioso dos meus costumes... profundo conhecedor da alma humana – em especial dos meandros da mente feminina.

Não adiantou dizer que eu namorava há muito tempo. Ele não aceitou. Acho que, na mente dele, só havia dois diagnósticos iniciais: a) sou um louco deprimido; e b) como toda mulher gosta de carro, minha namorada não devia ser mulher.

Pro Marcel, assim sendo, eu era agora um esquizofrênico infeliz que namorava alguém que não seria uma mulher; numa outra opção, nem namoraria... estaria mentindo.

Chegamos ao metrô e nos despedimos. Senti-me aliviado de ele ir embora; a peleja terminara. Entrei no ônibus, sentei e comecei a folhear um gibi. O coletivo não saiu do lugar... Alguns minutos depois, o motorista:

“Pessoal, melhor descer e esperar o próximo. Este carro quebrou.”

Resignados, praguejando inutilidades, todos nós, passageiros desafortunados, descemos do coletivo. Apenas meia-hora depois é que outro veículo viria. Seguiram-se mais uns outros quinze minutos até subirmos. Depois, transcorreu mais um cacetão de tempo, que não quantifiquei, e, finalmente, o motor foi acionado... Como, às vezes, dói a concretização dos pensamentos daqueles como Marcel, os carrodependentes, que contestam essa minha mania de ser desmotorizado...

Tudo escurece.

Dog

Nota: Esta crônica é mais uma das que constam no meu livro inédito “Sem chuteiras e sem unhas, eu joguei no pior time do mundo”.



Trilha sonora desta crônica:

“No place like home” – Devo:

<http://www.youtube.com/watch?v=S47I2d4vPyk>

